

YBAKATU

ANDRÉ RIGATTI

*trago nesse espelho o vento,
as palavras e a pele*



ANDRÉ RIGATTI

*trago nesse espelho o vento,
as palavras e a pele*

texto de Stephanie Dahn Batista



YBAKATU

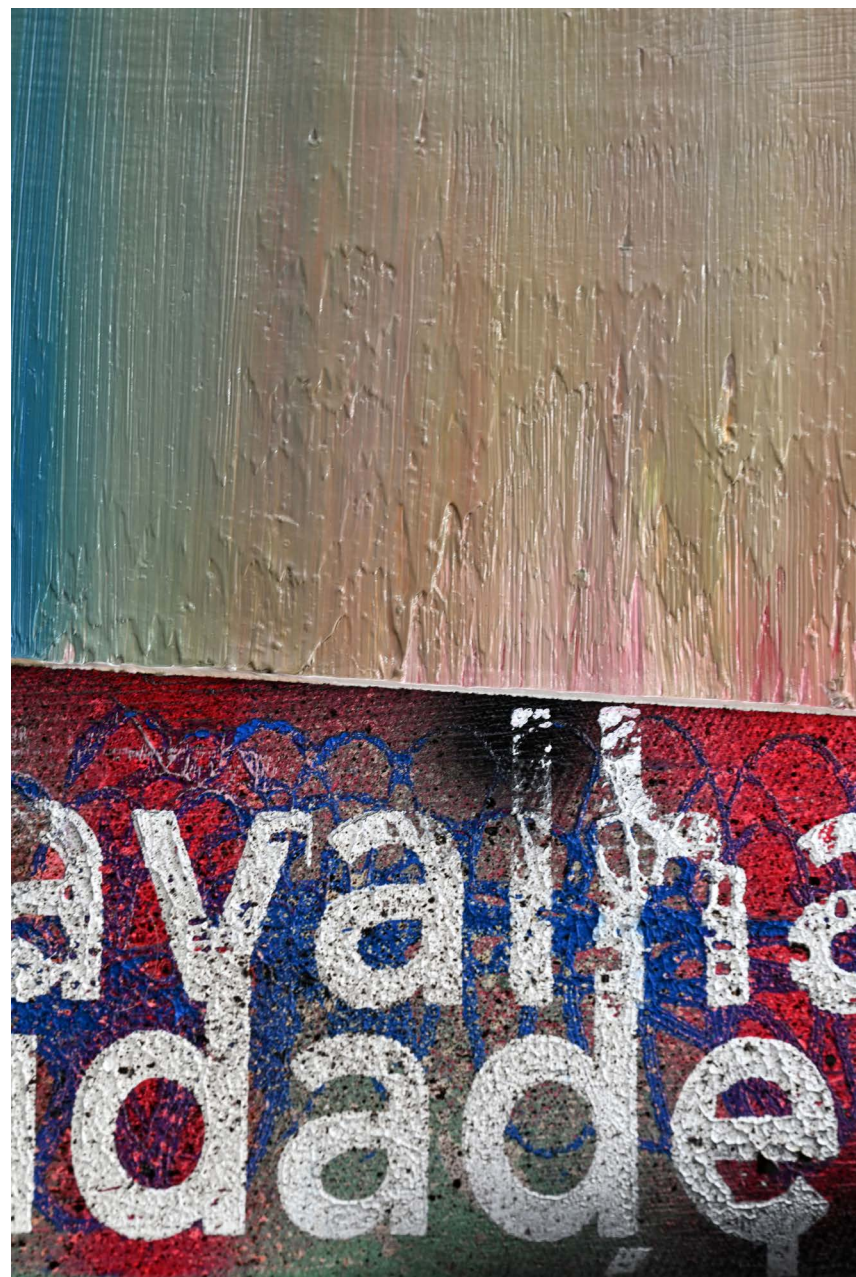


trago nesse espelho o vento, as palavras e a pele

Após muitos anos, André Rigatti retorna ao circuito artístico de Curitiba trazendo uma vasta e intensa trajetória, marcada por pós-graduação, residências artísticas internacionais, exposições e docência universitária. Nesta sua primeira exposição individual desde seu retorno a Curitiba, ele revela, com renovado frescor, a produção que nasce dessa volta ao mundo, sem abandonar os temas centrais que permeiam seu trabalho nas linguagens da pintura e da gravura: o espaço, o urbano e a subjetividade.

Em um diálogo sensível entre as 10 gravuras em metal e as 13 pinturas em serigrafia, acrílica e óleo sobre tela, de variados formatos, André explora os elementos formais da cor e a inserção de palavras que escapam da verbalidade convencional.

As pinturas, algumas monumentais, confrontam o gesto controlado e a textura lisa com a “sujeira” e o peso desfocado do spray de grafite, criando um efeito “all-over” que é organicamente sobreposto por materialidades que escorrem. Esse entrelaçamento provoca uma fricção visual entre formas amorfas, desafiando a tradicional percepção ocidental de figura e fundo. O que parece figura, como campo delimitado carregado de inserções pictóricas e gráficas de desenhos da arquitetura chinesa e pixação urbana dos muros da cidade, é, na verdade, o fundo, gerado também por impressões serigráficas de palavras e gráficos. O amplo espaço colorido, brilhante e com texturas escovadas verticais é o que vem por cima. A espessura e as várias camadas da técnica glosse da pintura holandesa do século XVII, apenas a partir de um olhar atento e contemplativo, decifram esse trompe-l’oeil. As cores desse céu expansivo trazem a ideia de uma abóbada celestial urbana na hora do pôr do sol, do arco-íris ou do firmamento esplêndido da aurora boreal, esta última vivenciada por Rigatti na Finlândia. Esses fenômenos luminosos não vêm como uma ideia romântica, mas sim enquanto um aspecto conceitual sobre a convivência no espaço urbano de um prédio alto: o lugar onde o artista está. A presença do azul remete à cor da casa onde era o ateliê dele, na Rua José Loureiro, no centro de Curitiba, nos idos de 2012. Bem como, o arco-íris em uma obra ou em um conjunto de obras, em especial, faz sutilmente alusão à bandeira LGBTQIAPN+, um posicionamento claramente político



*detalhe pintura

em prol da diversidade. Do controle ao descontrole, do meticuloso e exato ao pesado e carregado, do sofisticado ao bruto violento, da forma mecânica à gestualidade, toda pintura se transforma em corpo, carne e pele, marcada pelas cicatrizes do tempo como campo de debate.

As gravuras em metal, realizadas por processos altamente complexos da água-tinta, com vários tratamentos químicos até a aplicação da cor na matriz e sua impressão, geram um diálogo intenso com as pinturas. A complexidade das gravuras advém do domínio técnico do artista que, ao mesmo tempo da cronometragem exata e metódica, assume o acaso descontrolado. Rigatti usa diferentes procedimentos na gravação, como o “marbré”, a aplicação serigráfica de palavras junto à gravação das matrizes ou o uso de um disco para gerar, a partir da espessura do objeto, um relevo. As cores, com diferentes tonalidades, em consonância com as pinturas, provocam um efeito pictórico. Nesse conjunto de gravuras, as letras presentes estão embaralhadas ou espalhadas, negando um fluxo de leitura. O momento da impressão é algo mágico, porque nunca haverá certeza de como vai sair o trabalho. Assim, as gravuras incorporam um estado suspenso que Rigatti considera como meditação.

O título da exposição é inspirado nas músicas “Vermelho”, de Marcelo Camelo, e “Das palavras à pele”, de Phill Veras, reforçando a subjetividade a partir do verbo na primeira pessoa do singular, enquanto sujeito que se coloca.

Por meio de uma técnica complexa, tanto nas pinturas quanto nas gravuras, André Rigatti insere a paisagem urbana e o espaço arquitetônico como um topos social e político que indica sutilmente uma socialidade que está atrás como um vento.

Trago no reflexo o sopro, os verbos e a carne.

Stephanie Dahn Batista, 2026

i bring to this mirror wind, words, and skin

After many years, André Rigatti returns to Curitiba's art scene. His artistic trajectory encompasses international residencies, numerous exhibitions, university teaching, and extensive research activities. In his first solo exhibition since returning to Curitiba, presented at Ybakatu Gallery, he unveils a body of work that has emerged from these international experiences while remaining faithful to the central concerns of his practice: space, urbanity, and subjectivity.

Through a sensitive dialogue between ten metal etchings and thirteen works in silkscreen, acrylic, and oil on canvas, Rigatti explores the formal possibilities of color alongside the presence of words that resist conventional readability.

The paintings, including several large-scale works, place controlled brushwork and smooth surfaces in tension with the blurring, accumulation, and material weight of graffiti spray paint. The result is a multilayered all-over effect, overlaid with flowing chromatic strata and sediment-like textures. These superimpositions create a visual friction between amorphous and structured forms, subverting the traditional Western distinction between figure and ground.

What initially appears as the figure—a bounded field of architectural fragments, urban markings derived from Chinese architecture, and graphic inscriptions—reveals itself as a background simultaneously constructed through silkscreened fragments of words and diagrams. Conversely, the seemingly open chromatic field, with its luminous tones and vertically brushed surfaces, occupies a different pictorial plane. Only careful observation reveals the painting's intricate layering and its subtle trompe-l'œil effect, recalling the glazing techniques of seventeenth-century Dutch painting.

These luminous color fields evoke associations with urban skies: sunsets, rainbows, or the Northern Lights that Rigatti experienced during a stay in Finland. Yet these phenomena are not romanticized; rather, they function as conceptual reflections on life within the urban environment, particularly from the perspective of a high vantage point in the city. The recurring blue also refers to the artist's former studio on Rua José Loureiro in downtown Curitiba. Likewise, the rainbow emerges as a subtle reference to the LGBTQIAPN+ flag, articulating a political commitment to diversity and visibility.

Between control and loss of control, precision and density, refinement and rawness, mechanical structure and gestural intervention, painting itself is transformed into a body: into skin, flesh, and surface, marked by the traces of time and by processes of

social negotiation.

The metal etchings enter into an equally intense dialogue with the paintings. Produced through complex aquatint techniques and numerous stages of chemical processing, culminating in the application of color and the printing process itself, they combine technical precision with an openness to chance. Rigatti incorporates diverse procedures, including marbled textures, silkscreened textual elements, and the use of CDs as components of the printing matrix, whose physical thickness generates relief-like effects. The chromatic treatment of the prints resonates with the paintings, extending their painterly qualities.

The letters that appear throughout the prints are scattered, displaced, or fragmented, refusing linear readability. For Rigatti, the act of printmaking itself possesses an experimental and contemplative character, its outcome remaining uncertain until the very end. As a result, the works preserve a state of suspension that the artist describes as a form of meditation.

The exhibition title alludes to the songs Vermelho by Marcelo Camelo and Das Palavras à Pele by Phill Veras. The use of the first-person singular underscores the subjective dimension of a voice that takes a position and makes itself visible.

With remarkable technical complexity, André Rigatti intertwines urban landscapes and architectural spaces in painting and printmaking, transforming them into a social and political topos. His works point toward forms of coexistence that are not immediately visible but operate like the wind, moving through and beyond the surfaces of the images.

I Bring to the Mirror the Breath of Wind, Words, and Flesh.

Stephanie Dahn Batista

Ich bringe in diesem Spiegel Wind, Worte und Haut

Nach vielen Jahren kehrt André Rigatti in die Kunstszene Curitiba zurück. Sein künstlerischer Werdegang umfasst internationale Künstlerresidenzen, zahlreiche Ausstellungen, universitäre Lehrtätigkeit sowie eine intensive Forschungstätigkeit. In seiner ersten Einzelausstellung seit der Rückkehr nach Curitiba, präsentiert in der Galeria Ybakatu, zeigt er ein Werkensemble, das aus den Erfahrungen dieser internationalen Bewegungen hervorgegangen ist, ohne die zentralen Themen seines Schaffens aus den Augen zu verlieren: Raum, Urbanität und Subjektivität.

Im sensiblen Dialog zwischen zehn Metallradierungen und dreizehn Arbeiten in Siebdruck, Acryl und Öl auf Leinwand untersucht Rigatti die formalen Möglichkeiten der Farbe sowie die Präsenz von Worten, die sich einer konventionellen Lesbarkeit entziehen.

Die Gemälde, darunter mehrere großformatige Arbeiten, setzen kontrollierten Duktus und glatte Oberflächen in Spannung zu den Unschärfen, Ablagerungen und dem materiellen Gewicht von Graffiti-Spray. Es entsteht ein vielschichtiger All-over-Effekt, der durch verlaufende Farbschichten und sedimentartige Materialitäten überlagert wird. Diese Überlagerungen erzeugen eine visuelle Reibung zwischen amorphen und strukturierten Formen und unterlaufen die traditionelle westliche Unterscheidung von Figur und Grund.

Was zunächst als Figur erscheint – ein begrenztes Feld aus architektonischen Fragmenten, urbanen Markierungen chinesischer Architektur und grafischen Einschreibungen – erweist sich als Hintergrund, der zugleich durch serigrafische Wort- und Diagrammfragmente konstruiert wird. Der scheinbar offene Farbraum mit seinen leuchtenden Tönen und vertikal gebürsteten Oberflächen liegt dagegen auf einer anderen Bildebene. Erst die genaue Betrachtung offenbart die komplexe Schichtung der Malerei und die subtile Trompe-l'Œil-Wirkung, die an die Lasurtechniken der niederländischen Malerei des 17. Jahrhunderts erinnert.

Die leuchtenden Farbräume evozieren Assoziationen an urbane Himmelslandschaften: Sonnenuntergänge, Regenbögen oder das Nordlicht, das Rigatti während eines Aufenthalts in Finnland erlebt hat. Diese Erscheinungen werden jedoch nicht romantisch verklärt, sondern als konzeptuelle Reflexion über das Leben im urbanen Raum verstanden – insbesondere aus der Perspektive eines hochgelegenen Blickpunkts in der Stadt. Das wiederkehrende Blau verweist zugleich auf das ehemalige Atelier des Künstlers in der Rua José Loureiro im Zentrum Curitiba. Der Regenbogen wiederum erscheint als subtile Referenz auf die LGBTQIAPN+-Flagge und markiert eine

politische Positionierung zugunsten von Diversität und Sichtbarkeit.

Zwischen Kontrolle und Kontrollverlust, Präzision und Verdichtung, Raffinement und Rohheit, mechanischer Struktur und gestischer Setzung verwandelt sich die Malerei in einen Körper: in Haut, Fleisch und Oberfläche, gezeichnet von den Spuren der Zeit und gesellschaftlicher Aushandlungsprozesse.

Die Metallradierungen treten in einen ebenso intensiven Dialog mit den Gemälden. Entstanden durch komplexe Aquatinta-Verfahren und zahlreiche chemische Bearbeitungsschritte bis hin zur Farbauftragung und zum Druckprozess, verbinden sie technische Präzision mit der Offenheit des Zufalls. Rigatti integriert unterschiedliche Verfahren wie Marbré-Strukturen, serigrafische Textelemente oder die Verwendung von CDs als Matrizenbestandteile, deren Materialstärke reliefartige Effekte erzeugt. Die farbliche Behandlung der Drucke korrespondiert mit den Gemälden und erweitert deren malerischen Charakter.

Die in den Druckgrafiken auftauchenden Buchstaben erscheinen verstreut, verschoben oder fragmentiert und verweigern eine lineare Lesbarkeit. Der Druckvorgang selbst besitzt für Rigatti einen experimentellen und kontemplativen Charakter: Sein Ausgang bleibt bis zuletzt offen. Die Arbeiten bewahren dadurch einen Zustand des Schwebens, den der Künstler als Form der Meditation beschreibt.

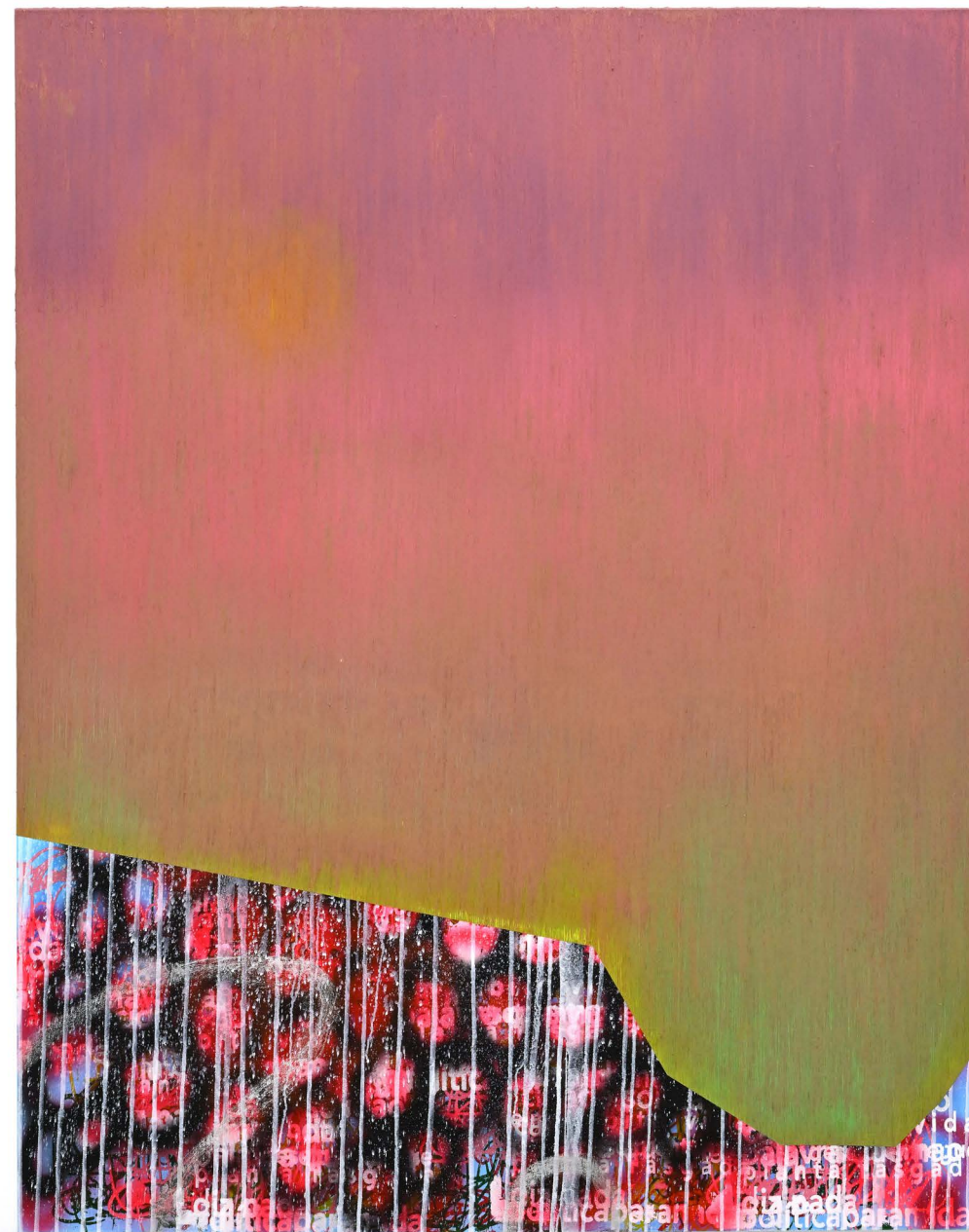
Der Ausstellungstitel nimmt Bezug auf die Lieder Vermelho von Marcelo Camelo und Das palavras à pele von Phill Veras. Die Formulierung in der ersten Person Singular betont dabei die subjektive Dimension einer Stimme, die sich positioniert und sichtbar macht.

Mit großer technischer Komplexität verknüpft André Rigatti in Malerei und Druckgrafik urbane Landschaften und architektonische Räume zu einem sozialen und politischen Topos. Seine Arbeiten verweisen auf Formen des Zusammenlebens, die nicht unmittelbar erkennbar sind, sondern wie ein Wind durch die Oberflächen der Bilder hindurch wirken.

Ich bringe im Spiegel Windhauch, Worte und Fleisch.

Stephanie Dahn Batista

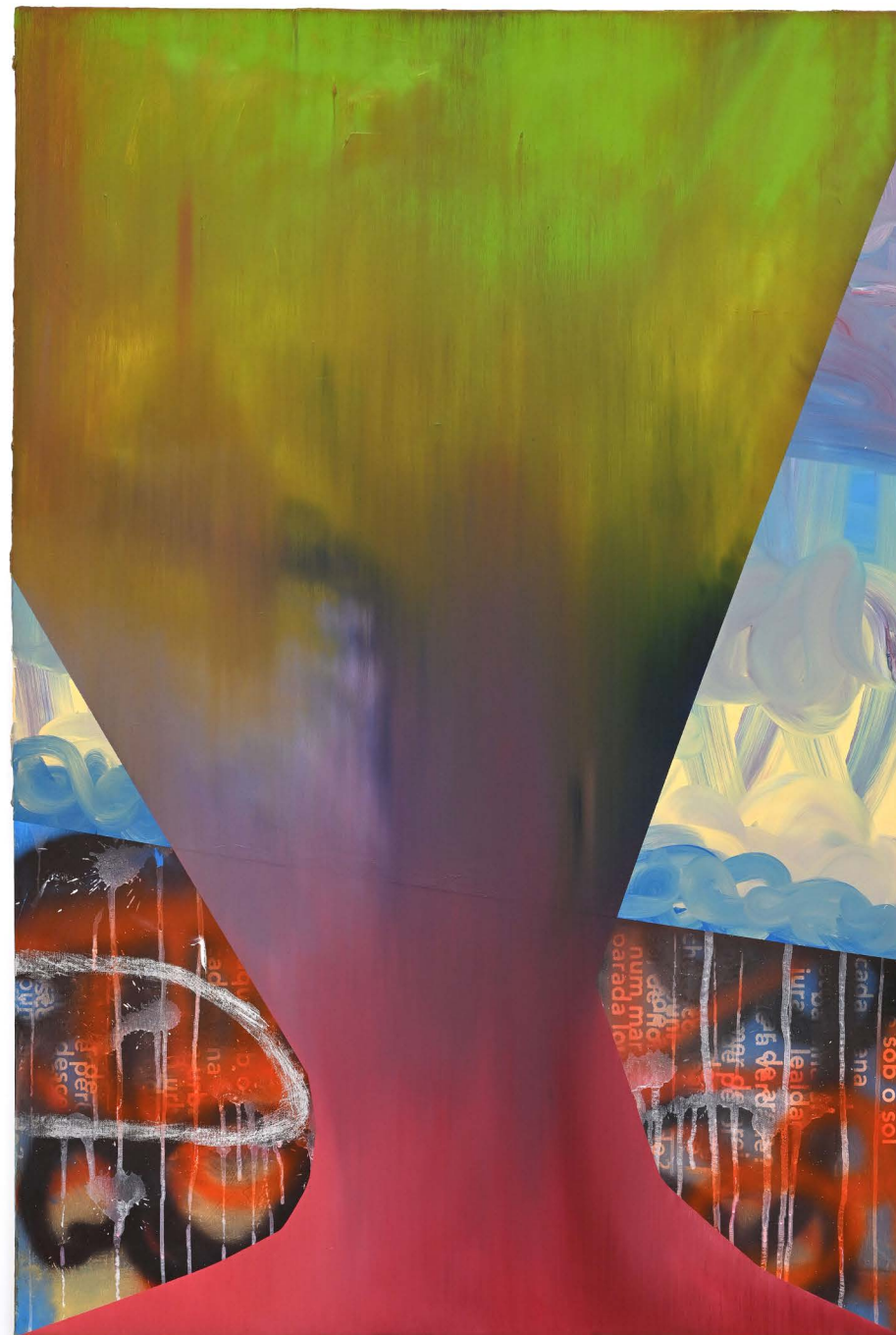
Sem título, 2026
óleo, acrílica, spray e serigrafia sobre tela
190 x 150cm



Sem título, 2026
óleo, acrílica, spray e serigrafia sobre tela
160 x 100cm



Sem título, 2026
óleo, acrílica, spray e serigrafia sobre tela
150 x 100cm







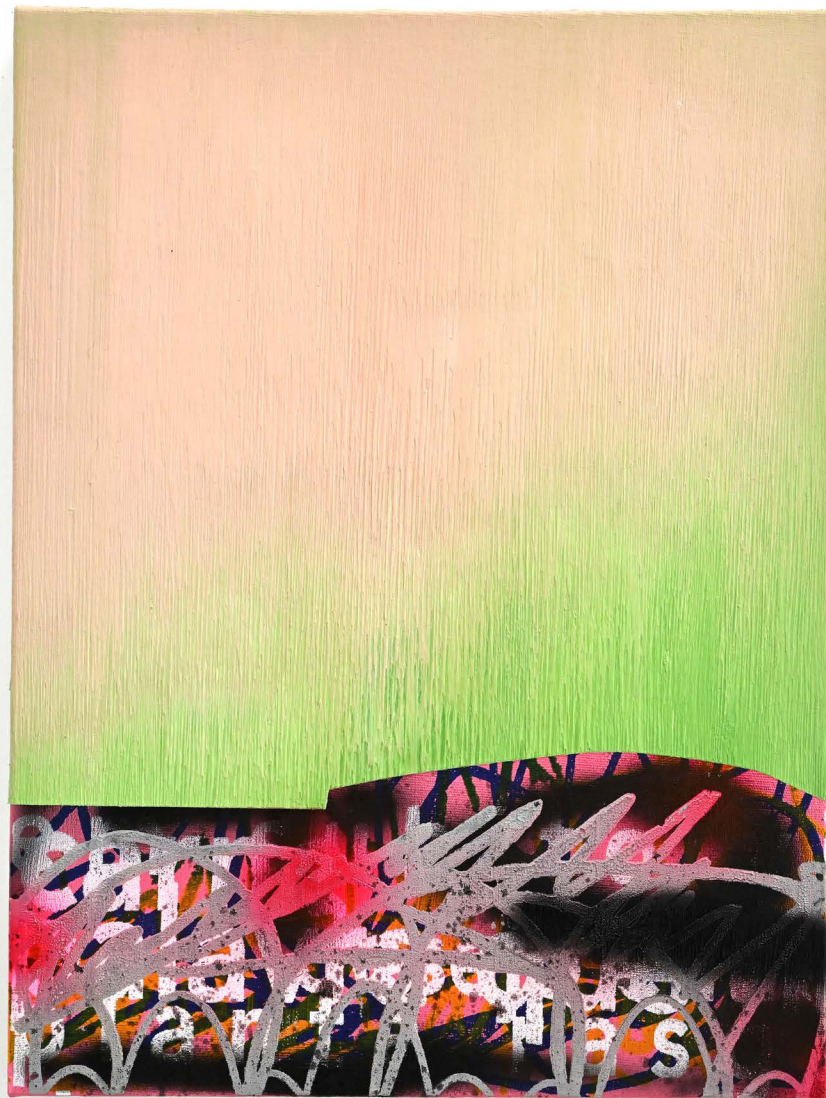


página anterior e detalhes

Sem título, 2026

óleo, acrílica, spray e serigrafia sobre tela
190 x 300cm





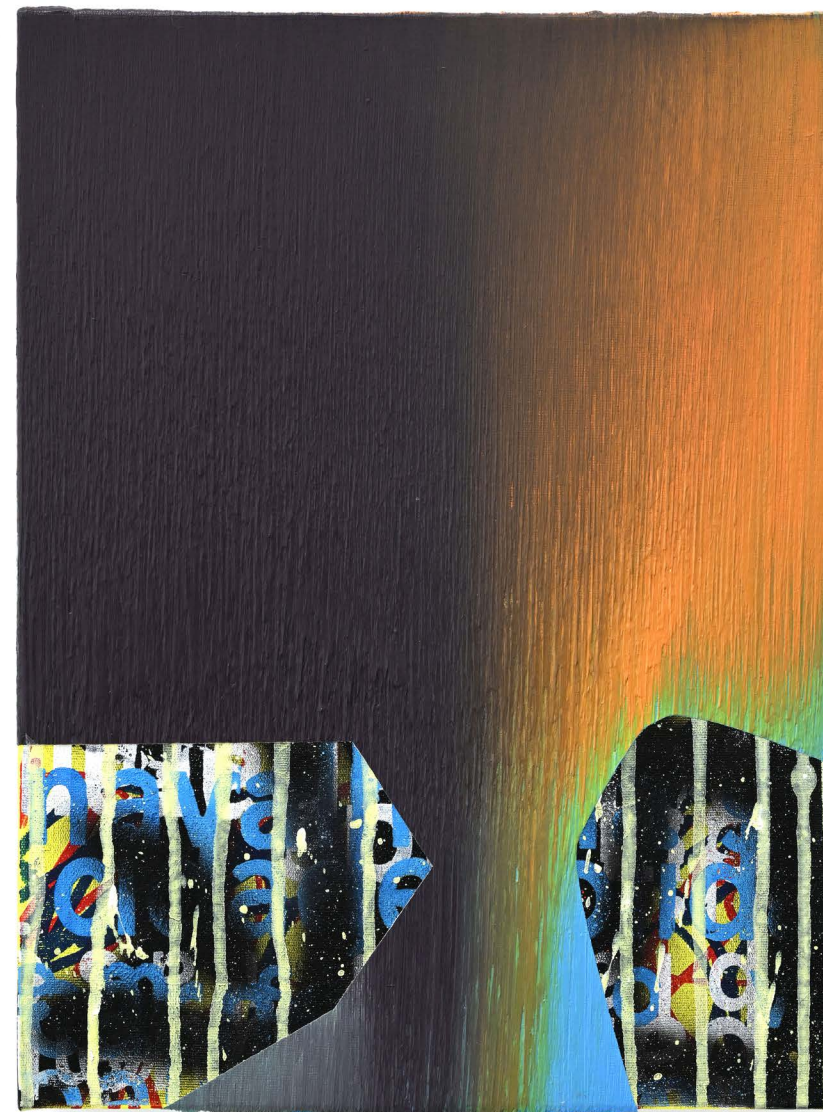
Sem título, 2026
 óleo, acrílica, spray e serigrafia sobre tela
 40 x 30cm



Sem título, 2026
 óleo, acrílica, spray e serigrafia sobre tela
 40 x 30cm



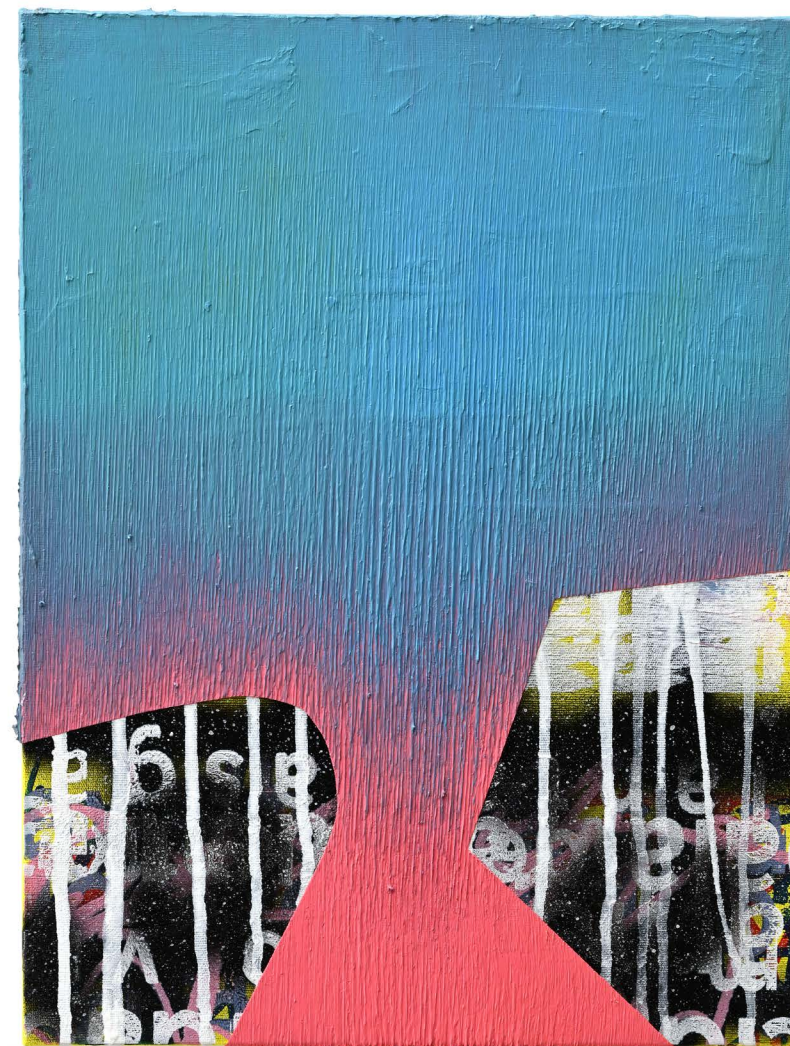
Sem título, 2026
 óleo, acrílica, spray e serigrafia sobre tela
 40 x 30cm



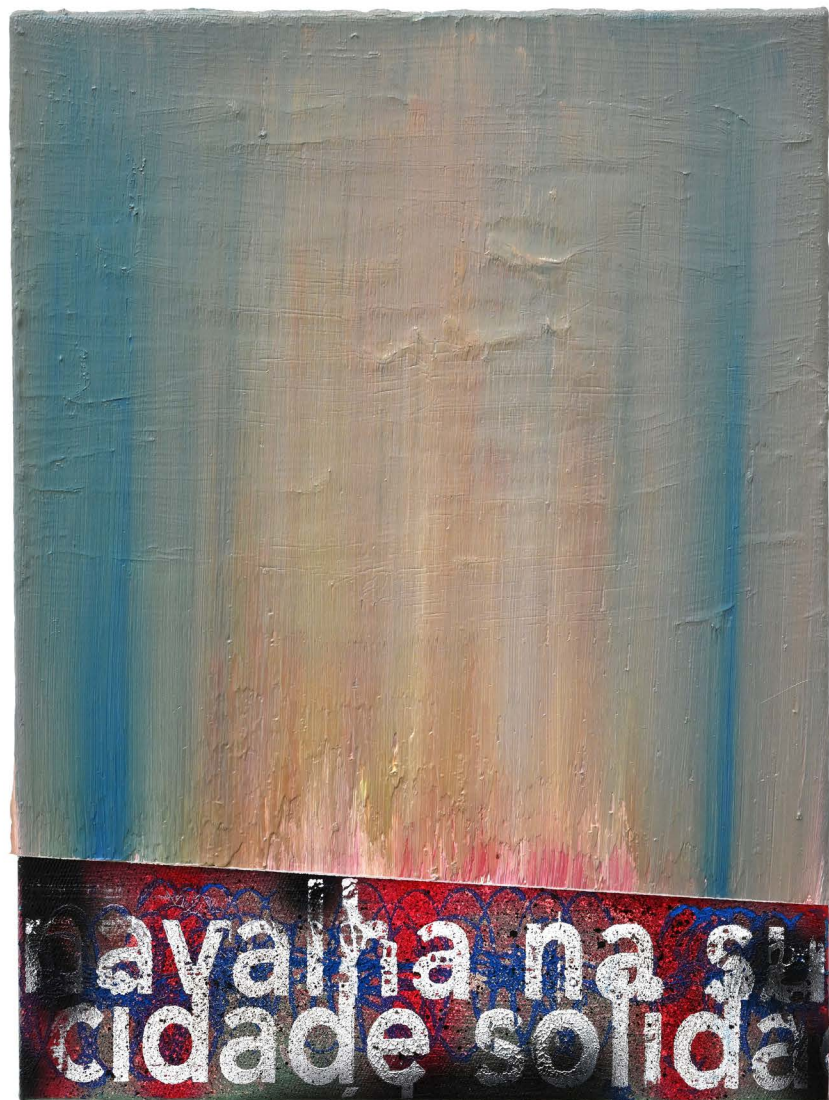
Sem título, 2026
 óleo, acrílica, spray e serigrafia sobre tela
 40 x 30cm



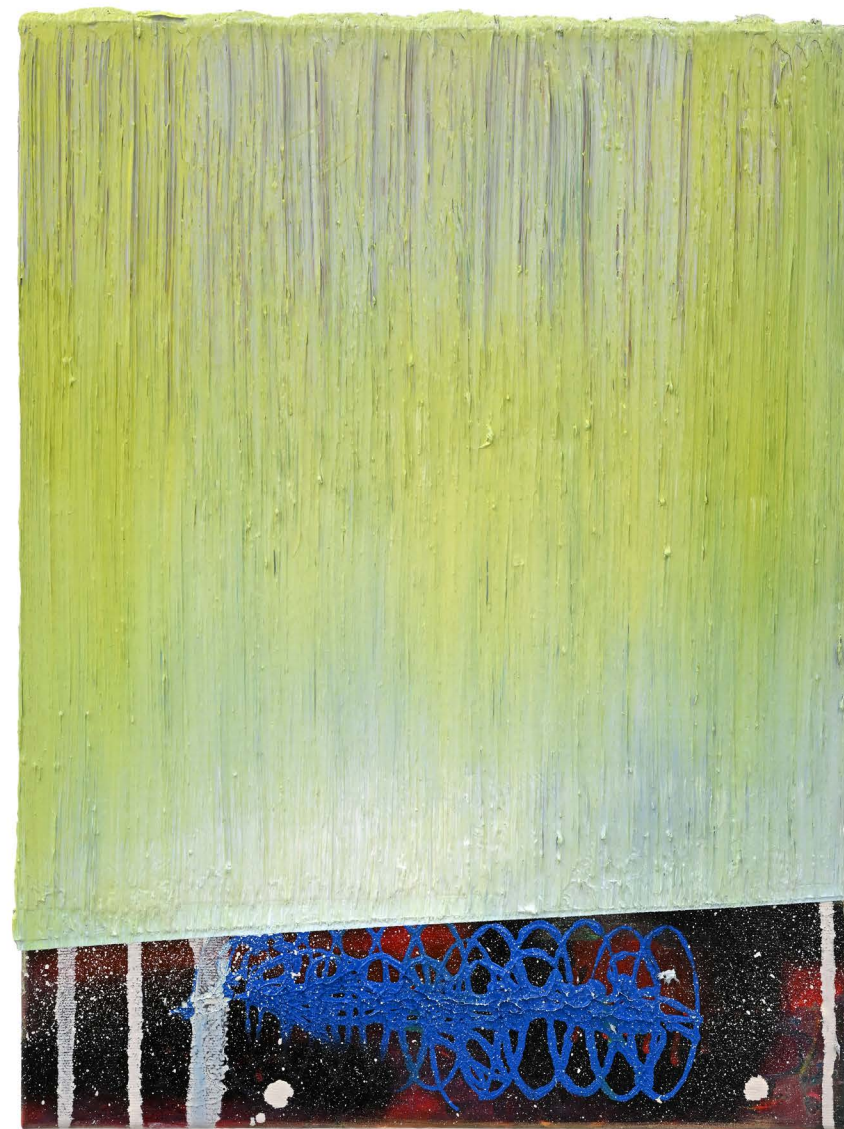
Sem título, 2026
 óleo, acrílica, spray e serigrafia sobre tela
 40 x 30cm



Sem título, 2026
 óleo, acrílica, spray e serigrafia sobre tela
 40 x 30cm



Sem título, 2026
 óleo, acrílica, spray e serigrafia sobre tela
 40 x 30cm



Sem título, 2026
 óleo, acrílica, spray e serigrafia sobre tela
 40 x 30cm



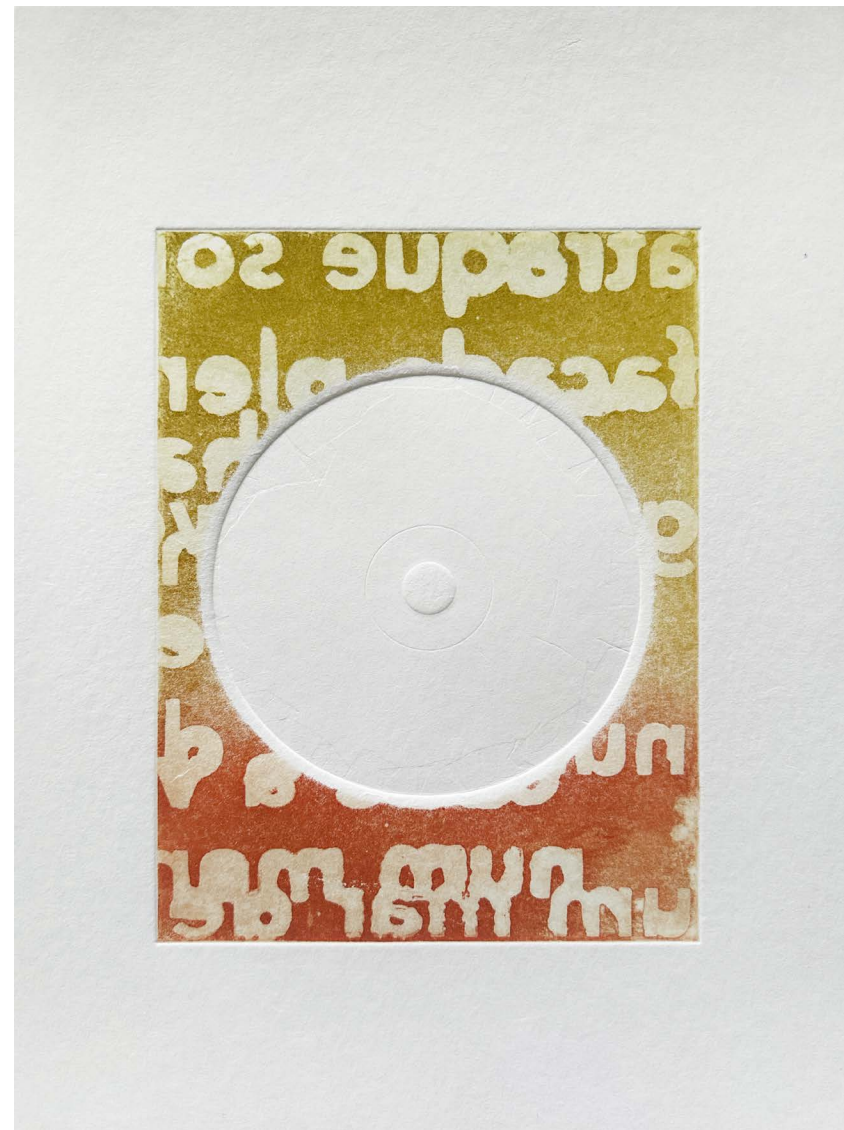
Sem título, 2026
gravura em metal, água-forte e água-tinta
20 x 15cm
Ed. 3 + P. A.



Sem título, 2026
gravura em metal, água-forte e água-tinta
20 x 15cm
Ed. 3 + P. A.



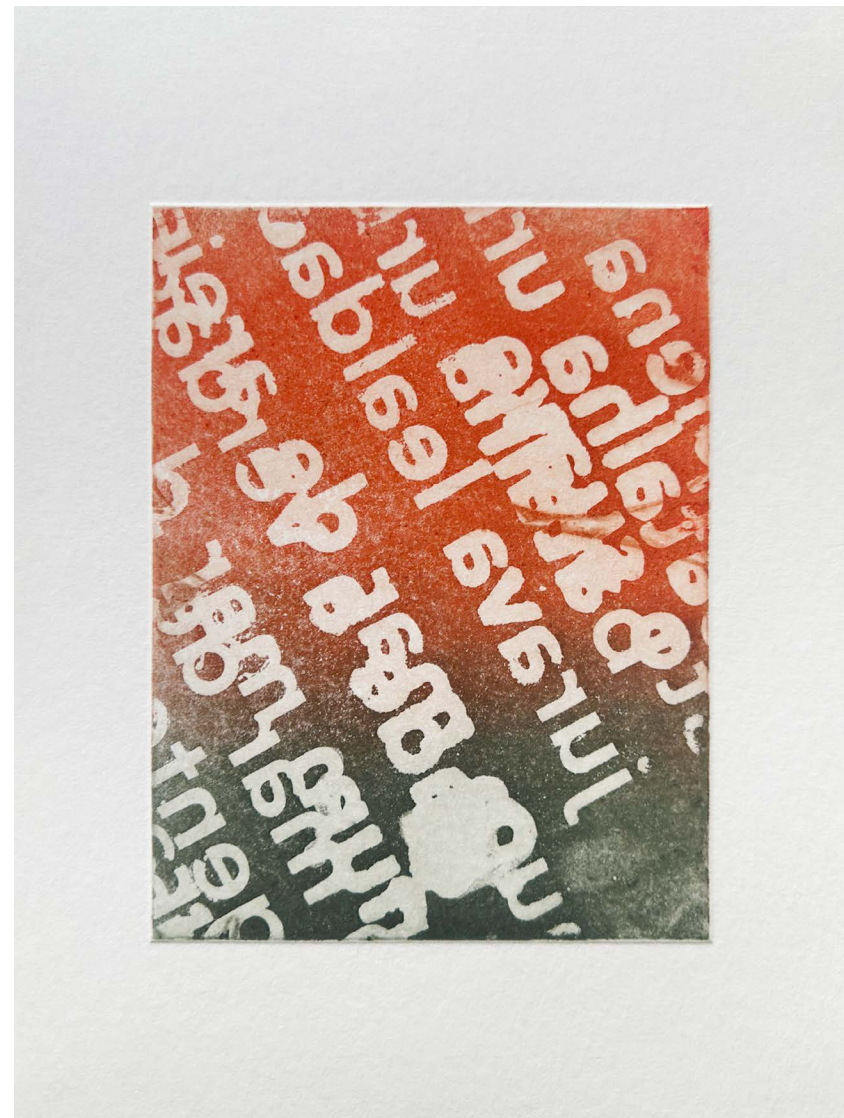
Sem título, 2026
gravura em metal, água-forte e água-tinta
20 x 15cm
Ed. 3 + P. A.



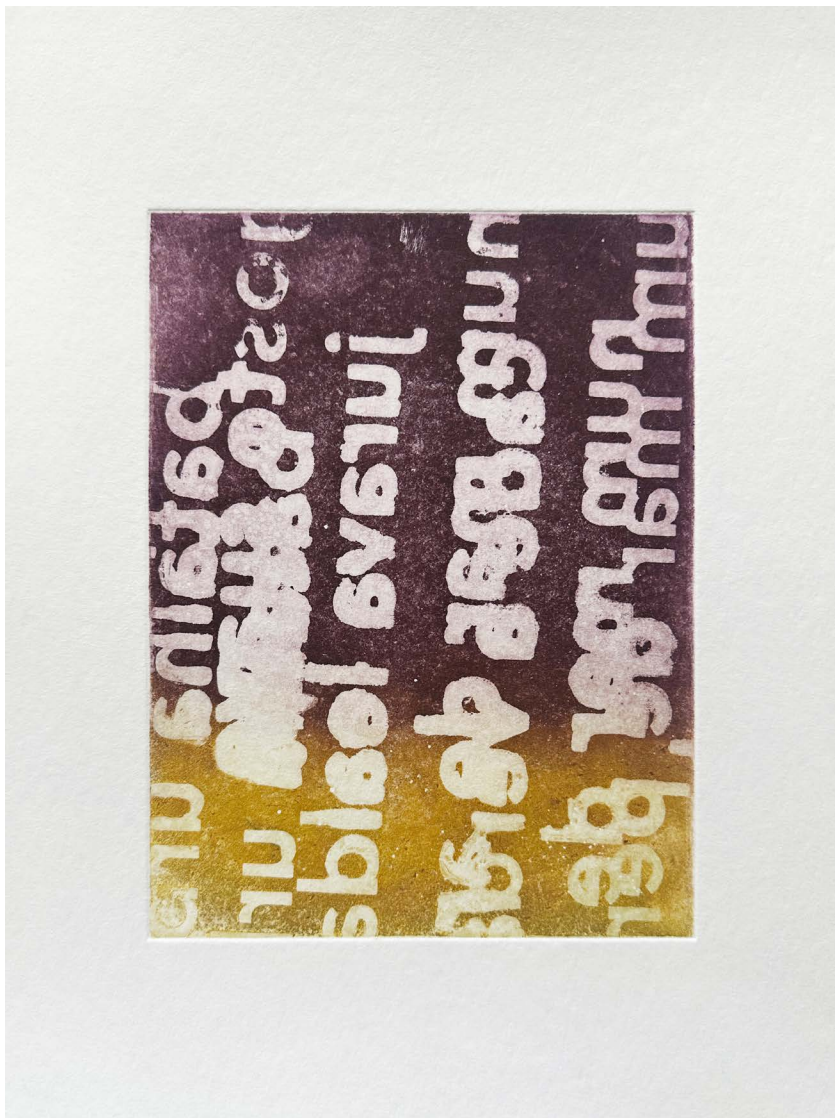
Sem título, 2026
gravura em metal, água-forte e água-tinta
20 x 15cm
Ed. 3 + P. A.



Sem título, 2026
 gravura em metal, água-forte e água-tinta
 20 x 15cm
 Ed. 3 + P. A.



Sem título, 2026
 gravura em metal, água-forte e água-tinta
 20 x 15cm
 Ed. 3 + P. A.



Sem título, 2026
gravura em metal, água-forte e água-tinta
20 x 15cm
Ed. 3 + P. A.



Sem título, 2026
gravura em metal, água-forte e água-tinta
20 x 15cm
Ed. 3 + P. A.



Sem título, 2026
gravura em metal, água-forte e água-tinta
20 x 15cm
Ed. 3 + P. A.



Sem título, 2026
gravura em metal, água-forte e água-tinta
20 x 15cm
Ed. 3 + P. A.

Uma Nota Secundária

Para esta terceira exposição individual junto à Galeria Ybakatu, em Curitiba, apresento um recorte de minha pesquisa desenvolvida nos últimos meses. São pinturas e gravuras em metal nas quais o espaço, a paisagem urbana e seus fragmentos se materializam por meio da abstração.

Meu trabalho parte da experiência cotidiana de habitar a cidade. Interessa-me observar suas arquiteturas, marcas, inscrições, ruídos e silêncios, elementos que se acumulam como camadas de memória e que, aos poucos, se transformam em pintura e gravura, ou melhor, em experiências vividas. Não procuro representar um lugar específico, mas criar espaços onde diferentes tempos e experiências possam coexistir. Os trabalhos se apresentam como paisagens por analogia, imaginadas e irreais, constituídas a partir de fragmentos do espaço concreto que habito, formados por palavras, linhas, estruturas arquitetônicas e relações interpessoais.

Materializados pelo uso da serigrafia e do spray, esses fragmentos do espaço se constituem como gráficos geradores da operação inicial da pintura. Aparecem como base, por debaixo dos recortes da cobertura final em óleo. Que acabam por revelar a memória de sua própria construção, a produzirem paisagens que não se deixam apreender de imediato. Já nas gravuras em metal, esses elementos urbanos e paisagísticos são inscritos em matrizes de cobre por meio da serigrafia, utilizada como veículo para a fixação do verniz, em diálogo com procedimentos como a água-forte e a água-tinta marbré.

Em todos os trabalhos há recorrências que me acompanham há quase duas décadas: a construção de espaços que oscilam entre o orgânico e o geométrico, a representação e a imaginação, a concretude e a invenção, a sociabilidade e o isolamento. Essas investigações nascem da observação direta do mundo, de suas paisagens e de suas transformações, mas também das memórias e experiências acumuladas em diferentes lugares. Interessa-me pensar a coexistência de estados aparentemente opostos, como a luz da natureza, que ao mesmo tempo cobre e revela, vela e faz ver. Esse movimento estabelece um diálogo constante com a experiência de estar vivo, no campo das relações, das trocas e dos afetos coletivos, mas também com a materialidade do cotidiano, com o ato de pisar o solo, habitar o asfalto e transitar entre edifícios, numa tensão permanente entre natureza e cidade. Desse conjunto de experiências deriva uma escrita que incorpora discursos

políticos recolhidos do cotidiano e da mídia, versos literários e composições musicais que me acompanham, assumindo, em alguns momentos, uma relação direta com a pixação e com as formas de inscrição próprias do território urbano que habito.

A palavra e o spray, seriam talvez, esse encontro com a concretude, com a vida. Aparecem ilegíveis, como fragmentos, ecos ou lembranças, aproximando-se da maneira como construímos nossas próprias memórias. Assim como a cidade, a linguagem também é feita de sobreposições, apagamentos e permanências. Da verbalidade, porém, interessa-me sobretudo a passagem para a visualidade, para um estado de imanência.

Penso esses trabalhos como dotados de superfícies vivas e respirantes, nas quais pintura e gravura que originalmente seriam espaços também se colocam como corpos. Há nelas algo de pele, de carne e de cicatriz, marcas produzidas pelo tempo, pela experiência pessoal e pelos encontros coletivos. Nesse sentido, a paisagem urbana deixa de ser apenas um espaço, ou uma lembrança dele. Tornar-se um lugar de afetos, disputas e convivências que deixam marcas.

Esta exposição reúne trabalhos que nasceram da intenção de transformar experiências cotidianas em ações abertas, capazes de acolher diferentes leituras. Se há um elemento que atravessa todas as obras, talvez seja a tentativa de tornar visível aquilo que normalmente passa despercebido: nossas ações como fragmentos da cidade, gerados pelos gestos das pessoas, da passagem da luz e seus efeitos, da força das palavras e do movimento da natureza.

É a concretude que se faz ver como subjetividade, como intenção e como desejo.

André Rigatti

A Secondary Note

For this third solo exhibition at Ybakatu Gallery in Curitiba, I present a selection of my research developed over the past months. These paintings and etchings explore the ways in which space, the urban landscape, and its fragments are materialized through abstraction.

My work stems from the everyday experience of inhabiting the city. I am interested in observing its architectures, traces, inscriptions, noises, and silences, elements that accumulate as layers of memory and gradually transform into painting and printmaking, or rather, into lived experience. I do not seek to represent a specific place, but to create spaces in which different times and experiences may coexist. The works present themselves as landscapes by analogy, imagined and unreal, yet constituted from fragments of the concrete spaces I inhabit, composed of words, lines, architectural structures, and interpersonal relationships.

Materialized through silkscreen and spray paint, these graphic fragments of space constitute the initial operation of the paintings. They appear as underlying strata beneath the final passages of oil paint, ultimately revealing the memory of their own making and giving rise to landscapes that resist immediate comprehension. In the metal engravings, these urban and landscape elements are inscribed onto copper plates through silkscreen, employed as a means of fixing the ground, in dialogue with such techniques as etching and marbré aquatint.

Throughout these works are recurring concerns that have accompanied me for nearly two decades: the construction of spaces that oscillate between the organic and the geometric, representation and imagination, concreteness and invention, sociability and solitude. These investigations arise from direct observation of the world, its landscapes and transformations, but also from memories and experiences accumulated in different places. I am interested in the coexistence of seemingly opposing states, such as the light of nature, which simultaneously conceals and reveals, veils and makes visible. This movement establishes an ongoing dialogue with the experience of being alive, within the realm of relationships, exchanges, and collective affections, but also with the materiality of everyday life, with the act of walking the ground, inhabiting the asphalt, and moving among buildings, in a constant tension between nature and the city. From this constellation of experiences emerges a form of writing that incorporates political discourses gathered from daily life and the media, literary verses, and musical compositions that accompany me, at times establishing a direct relationship with pixação and with the modes of inscription characteristic of

the urban territory I inhabit.

The word and the spray paint are, perhaps, points of encounter with concreteness, with life itself. They appear as illegible fragments, echoes, or recollections, approximating the ways in which we construct our own memories. Like the city, language is also made of superimpositions, erasures, and traces of permanence. Yet it is the transition from verballity to visuality that most interests me, toward a state of immanence.

I conceive these works as possessing living, breathing surfaces, in which painting and printmaking, though originally spatial practices, also present themselves as bodies. They carry something of skin, flesh, and scar, marks produced by time, personal experience, and collective encounters. In this sense, the urban landscape ceases to be merely a place, or even the memory of one. It becomes a site of affections, conflicts, and forms of coexistence that leave their marks.

This exhibition brings together works born from the desire to transform everyday experiences into open actions, capable of accommodating multiple readings. If there is a single thread running through all of them, it is perhaps the attempt to make visible that which ordinarily goes unnoticed: our actions as fragments of the city, generated by human gestures, by the passage and effects of light, by the force of words, and by the movements of nature.

It is concreteness revealing itself as subjectivity, as intention, and as desire.

André Rigatti

Eine Randbemerkung

Für meine dritte Einzelausstellung in der Galeria Ybakatu in Curitiba zeige ich eine Auswahl von Arbeiten, die aus meiner künstlerischen Recherche der vergangenen Monate hervorgegangen sind. Die Ausstellung umfasst Gemälde und Druckgrafiken in Metall, in denen sich Raum, urbane Landschaft und deren Fragmente in abstrakter Form materialisieren.

Meine Arbeit geht von der alltäglichen Erfahrung aus, in einer brasilianischen Metropole zu leben. Mich interessieren ihre Architekturen, Spuren, Einschreibungen, Geräusche und Momente der Stille – Elemente, die sich wie Schichten der Erinnerung überlagern und sich kontinuierlich in Malerei und Druckgrafik verwandeln, oder vielmehr: in verdichtete Erfahrungsräume.

Es geht mir nicht darum, einen konkreten Ort abzubilden, sondern Räume zu schaffen, in denen unterschiedliche Zeiten und Erlebnisse nebeneinander bestehen können. Die Arbeiten erscheinen als Landschaften im übertragenen Sinn: imaginierte, unwirkliche Räume, die aus Fragmenten des konkreten städtischen Umfelds entstehen, das ich bewohne. Worte, Linien, architektonische Strukturen und zwischenmenschliche Beziehungen bilden ihr Ausgangsmaterial.

Durch Siebdruck und Sprayfarbe werden diese räumlichen Fragmente zunächst als grafische Elemente auf die Bildfläche übertragen. Sie bilden die erste Schicht der Malerei und bleiben unter den abschließenden Öllasuren verborgen. Dort bewahren sie die Erinnerung an ihre eigene Entstehung und erzeugen Bildräume, die sich einer unmittelbaren Lesbarkeit entziehen. In den Tiefdruckarbeiten werden urbane und landschaftliche Elemente mittels Siebdruck auf Kupferplatten übertragen, wobei der Siebdruck zur Übertragung der druckgrafischen Reservage auf die Kupferplatte eingesetzt wird und mit Verfahren wie Radierung und Aquatinta in Beziehung tritt.

Bestimmte Fragestellungen begleiten meine Arbeit seit beinahe zwei Jahrzehnten: die Konstruktion von Räumen, die zwischen Organischem und Geometrischem, zwischen Darstellung und Imagination, zwischen Wirklichkeit und Erfindung sowie zwischen Gemeinschaft und Isolation oszillieren. Diese Untersuchungen entstehen aus der unmittelbaren Beobachtung der Welt, ihrer Landschaften und Transformationen, zugleich aber auch aus Erinnerungen und Erfahrungen, die sich an unterschiedlichen Orten im Laufe der Zeit angesammelt haben. Mich beschäftigt die Gleichzeitigkeit scheinbar gegensätzlicher Zustände – etwa das Licht der Natur, das zugleich verdeckt und offenbart, verhüllt und sichtbar macht. Darin spiegelt sich die Erfahrung des Lebendigseins wider: das Geflecht aus Beziehungen, Austausch und kollekti-

ven Affekten ebenso wie die Materialität des Alltags – das Gehen auf der Erde, das Bewohnen des Asphalts, das Sich-Bewegen zwischen Gebäuden. Es ist eine fortwährende Spannung zwischen Natur und Stadt. Aus diesem Erfahrungsraum entwickelt sich eine Form des Schreibens, die politische Diskurse aus Alltag und Medien, literarische Verse sowie musikalische Kompositionen aufnimmt, die mich begleiten. Zeitweise tritt sie in einen direkten Dialog mit der Pixação – der spezifisch brasilianischen Form urbaner Schriftintervention – und mit anderen Formen der Einschreibung, die den Stadtraum prägen.

Das Wort und die Sprayfarbe markieren für mich vielleicht den unmittelbarsten Kontakt mit der Wirklichkeit, mit dem Leben selbst. Sie erscheinen unlesbar, als Fragmente, Echos oder Erinnerungen, und nähern sich damit der Weise an, wie wir unsere eigenen Erinnerungen konstruieren. Wie die Stadt ist auch Sprache von Überlagerungen, Auslöschungen und Persistenzen geprägt. An der Sprache interessiert mich jedoch vor allem ihr Übergang ins Bildhafte, in einen Zustand der Immanenz.

Ich begreife diese Arbeiten als lebendige, atmende Oberflächen, in denen Malerei und Druckgrafik – ursprünglich selbst als Räume gedacht – zugleich körperliche Präsenz annehmen. Sie besitzen etwas von Haut, Fleisch und Narbe: Spuren, die durch Zeit, persönliche Erfahrung und kollektive Begegnungen entstehen. In diesem Sinne ist die urbane Landschaft nicht länger nur ein Ort oder die Erinnerung an einen Ort. Sie wird zu einem Raum der Affektivität, der Aushandlungen und des Zusammenlebens, der seine Spuren hinterlässt.

Die Ausstellung versammelt Arbeiten, die aus dem Wunsch entstanden sind, alltägliche Erfahrungen in offene Bildhandlungen zu übersetzen, die unterschiedliche Lesarten zulassen. Wenn es ein Motiv gibt, das alle Werke durchzieht, dann vielleicht der Versuch, sichtbar zu machen, was gewöhnlich unbeachtet bleibt: unsere Handlungen als Fragmente der Stadt, hervorgebracht durch menschliche Gesten, durch den Wandel des Lichts und seine Wirkungen, durch die Kraft der Worte und die Bewegungen der Natur.

Es ist die Materialität der Welt, die als Subjektivität, als Intention und als Begehren sichtbar wird.

André Rigatti

Rigatti, André.
Trago nesse espelho o vento, as palavras e a pele : catálogo da exposição : organização, André Rigatti ; texto crítico, Stephanie Dahn Batista. — Curitiba : Galeria Ybakatu, 2026.
48 p. : il. color. ; 20 x 15 cm.
ISBN: 978-65-02-16578-2
Catálogo da exposição individual Trago nesse espelho o vento, as palavras e a pele, realizada na Galeria Ybakatu, Curitiba, PR, de 12 de junho a 31 de julho de 2026.
Texto em português, inglês e alemão.
Inclui texto crítico e texto do artista.
Disponível em edição impressa e digital (PDF).
Requisitos do sistema para a versão digital: Adobe Acrobat Reader.
Modo de acesso: World Wide Web.
Fotografias : Gilson Camargo.
Projeto Gráfico : Fabiane Queiroz.
Produção : Galeria Ybakatu.
Arte brasileira.
Pintura brasileira contemporânea.
Gravura brasileira contemporânea.
Catálogos de exposições.
I. Rigatti, André.
II. Batista, Stephanie Dahn.
III. Galeria Ybakatu.
CDD 700.81

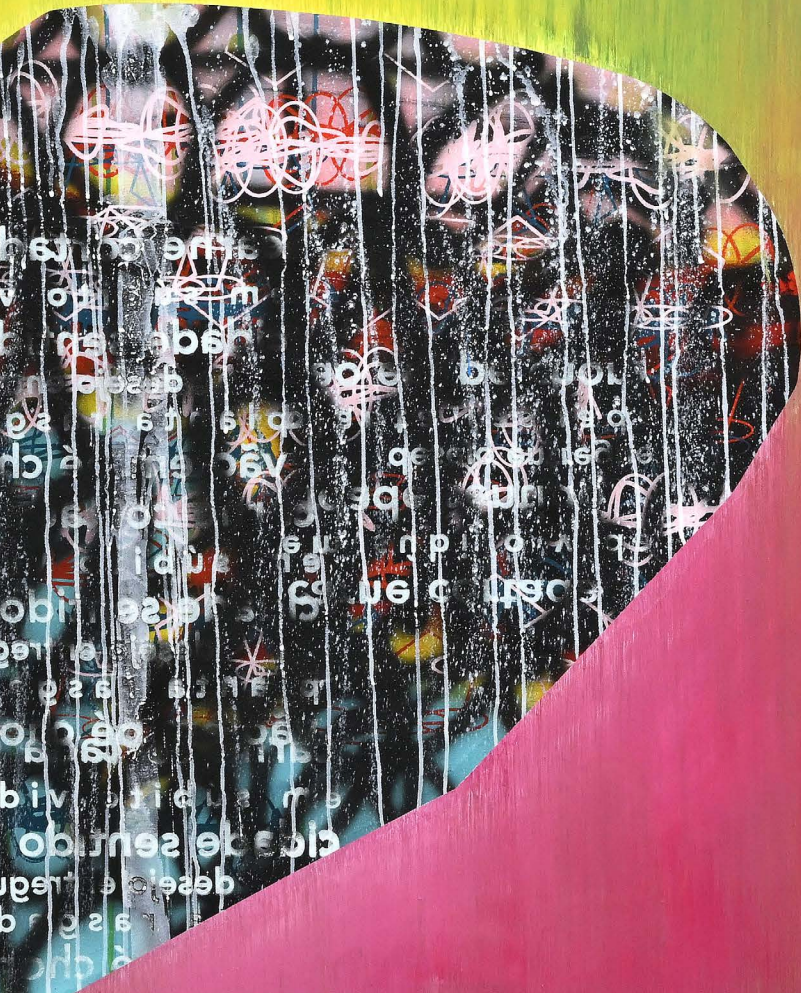


acesse o cv do artista

Y B A K A T U

av. vicente machado, 1056 — curitiba - PR Brasil — 80420-011
www.ybakatu.com





YBAKATU